

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IGOR LEITE SOUSA

A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NAS LENDAS
NEGRINHO DO PASTOREIO E UIRAPURU, RECONTADAS POR MAURÍCIO DE
SOUSA



CURITIBA
2016

IGOR LEITE SOUSA

A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NAS LENDAS
NEGRINHO DO PASTOREIO E UIRAPURU, RECONTADAS POR MAURÍCIO DE
SOUSA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Esp. Christopher Smith Bignardi Neves.

CURITIBA
2016

A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NAS LENDAS *NEGRINHO DO PASTOREIO* E *UIRAPURU*, RECONTADAS POR MAURÍCIO DE SOUSA

Igor Leite Sousa¹; Christopher Smith Bignardi Neves²

¹Graduado em Letras pela Universidade Cruzeiro do Sul. Atua como professor de inglês na rede de Ensino do Estado de São Paulo; E-mail: igorllsousa@gmail.com

² Graduado em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e em Questão Social. Atua como coordenador pedagógico na Prefeitura Municipal de Paranaguá e como professor formador na UFPR; E-mail: smithbig@hotmail.com

Resumo: Este estudo tem por objetivo propor uma reflexão sobre a maneira como o cartunista brasileiro Maurício de Sousa apresenta os personagens negros e indígenas nos contos *Negrinho do Pastoreio* e *Uirapuru*¹, mediante observação dos elementos verbais e visuais. Ambas as obras pertencem a uma coletânea publicada em 2009 pela Editora Girassol sob o título *Lendas Brasileiras*. Tais recortes foram selecionados como objetos de pesquisa por incluírem estereótipos referentes à presença dos negros em território brasileiro e ao modo de vida particular dos índios. Considerando a nocividade que estereótipos podem representar para o leitor mirim, a relevância deste trabalho se torna nítida. A fundamentação teórica se apoia em estudos sobre histórias infantis, gênero, diversidade e estereótipos. Caracterizada como análise de literatura, a pesquisa foi desenvolvida como projeto de conclusão para o curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola oferecido pela Universidade Federal do Paraná.

Palavras-chave: Literatura infantil, estereótipos, negros, indígenas.

Abstract: The goal of this study is to propose a reflection on the way the Brazilian cartoonist Mauricio de Sousa shows the black and indigenous characters in the *Negrinho do Pastoreio* and *Uirapuru* tales, by observation of the verbal and visual elements. Both works belong to a collection published in 2009 by Editora Girassol under the title of *Lendas Brasileiras*. These stories were selected as research objects for including stereotypes referring to the presence of black people in Brazil and the particular indigenous' manner of living. Considering the harmfulness that stereotypes can represent to the young readers, the relevance of this paper becomes clear. The theoretical foundation is based on studies about children's stories, gender, diversity and stereotypes. Described as literature analysis, this research was developed as the final project for the specialization course on Genre e Diversity in School a offered by the Federal University of Paraná.

Key-words: Children's Literature, stereotypes, blacks, Indians.

¹ As obras estão disponíveis para leitura no link <<https://picasaweb.google.com/110028628316308136148>>, acessado em fevereiro de 2016.

INTRODUÇÃO

A importância da literatura infantil há muito vem sendo reconhecida por especialistas da área, inclusive sendo incentivada por programas governamentais. Coelho (2000) afirma tratar-se de uma representação da vida, do homem e do mundo, de como ele se vê inserido na sociedade ou até de como ele vê a sociedade. Porém, não é possível afirmar que todos os escritos destinados aos menores expressam essas representações de maneira fidedigna. França (2006) reitera a presença de vários estereótipos referentes aos negros na literatura do século XX.

Em 2009 o cartunista Maurício de Sousa recontou e ilustrou os clássicos nacionais Negrinho do Pastoreio e Uirapuru no livro *Lendas Brasileiras*. Ambos pertencem à uma coletânea publicada pela editora Girassol que também acompanha CD com a narração. Embora o autor mereça crédito pela qualidade estética e pelo esforço em reunir lendas de várias partes do Brasil em um único volume, os recortes citados chamam a atenção pela presença de estereótipos que fazem alusão aos negros e aos índios, respectivamente. Bonin e Ripoll (2012) e Thiél (2013) defendem a presença de diversas concepções que dizem respeito aos índios em volumes de produções culturais nacionais e internacionais. Já Silva (2005) e Lima (2005), sustentam que personagens negros costumam estar atrelados à pobreza e à escravidão quando observados em exemplares de nossa literatura. O uso destes autores é fundamental para referendar este artigo, que almeja explicitar e refletir sobre como as acepções comentadas aparecem na obra do autor e cartunista brasileiro.

Escrever para os mais jovens não é tarefa fácil. Trata-se de um público inexperiente e que pode ser altamente influenciado pelo conteúdo com que interage. Assim, é válido pensar se a forma genérica com que o criador da Turma da Mônica expõe a cultura indígena em sua publicação, bem como o enfoque simplório destinado aos personagens negros – que no texto nada mais simbolizam além do passado escravagista – são as maneiras mais indicadas de se abordar ambas as etnias. Segundo Rozin (2009), o trabalho com outras culturas deve estar respaldado em sólidos conhecimentos, em prol de se evitar equívocos. Desta forma, a relevância da ideia se apoia no interesse em contribuir com a qualidade de uma literatura destinada a um ser que ainda está em processo de formação: a criança.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa aplicada foi a qualitativa porque o foco está na interpretação feita do corpus, não em sua quantificação: “geralmente, o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sob estudo” (DALFOVO; LANA; SILVEIRA. 2008, p. 10). Segundo estes pesquisadores, para um diagnóstico que vise a qualidade, como é o objetivo, toda a teoria produzida se dá por meio de análises empíricas, para posteriormente ser aperfeiçoada com a voz de outros autores. Assim, primeiro houve a observação pessoal do trabalho do Maurício de Sousa, para depois confirmá-la com base na literatura disponível sobre os negros e os povos indígenas. A fonte das informações que possibilitaram a pesquisa foi totalmente teórica, de caráter subjetivo, já que o foco de interesse foi a perspectiva dos envolvidos, e também processual, visto que “a ênfase está no entendimento e não num objetivo pré-determinado, como na pesquisa quantitativa” (DALFOVO; LANA; SILVEIRA. 2008, p. 10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A) Negrinho do Pastoreio: Nova Versão, Velhos Estereótipos

É coerente dizer que não é fácil encontrar livros de histórias infantis que apresentem personagens negros, ainda mais se o interesse for vê-los como protagonistas. Em *Lendas Brasileiras* (2009), porém, Mauricio de Sousa leva uma criança negra aos holofotes e faz com que todo o enredo da história gire em torno dela. Embora seja um autor conhecido por dar espaço à diversidade, podemos dizer que falta fôlego quando o assunto é a representação dos negros, já que determinados elementos verbais e não verbais não fazem jus à grandiosidade da etnia.

Iniciando pela capa, é possível verificar como nesta obra o negro também é atrelado ao passado de segregação, devido à imagem de uma criança descalça e malvestida, montando um cavalo adulto que poderia muito bem ser montado por pessoas de mais idade. Ao fundo, há o contraste visual do vilão cujo olhar está fixo sobre o “Negrinho”, que sequer possui nome, indicando uma liberdade ceifada, tal como acontecia durante a escravidão. Sabemos que a narrativa apenas reproduz uma lenda famosa da cultura brasileira a partir de um novo traço, ou seja, não se trata de uma criação inédita, e sim de uma releitura. Contudo, é interessante perceber como

este novo traço visualmente traz à tona preconceitos e estereótipos dos quais já estamos saturados.

Mas, quem escreve ou desenha a obra? Descolando o autor do ilustrador, a obra da editora, podemos observar melhor a conexão de um sistema de crenças e valores que se reconstrói através das imagens. Nessa dimensão, a literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde 'ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito'. E se verticalizarmos, nesse contexto, o tema das relações raciais no Brasil, o livro infanto-juvenil torna-se um documento importante para uma análise. (LIMA, 2005, p. 102).

O autor apresenta o protagonista como *“miúdo e fraquinho, mas muito habilidoso”* reiterando a interpretação que associa o personagem ao passado escravo dos negros, já que a condição física debilitada pode ser consequência do excesso de trabalho. O antagonista gaúcho, por outro lado, apresenta feição robusta e pele extremamente branca, ilustrando o passado de submissão racial que já houve nas estâncias de seu Estado.

Após “Negrinho” realizar seu árduo trabalho, percebe-se mais adiante que o personagem precisou descansar para tentar aliviar o frio e a fome que naturalmente sentira. A escassez de roupas quentes e de algum alimento para acompanhá-lo durante a jornada de resgate aos cavalos indica a ausência de pais ou qualquer outro adulto preocupado com o bem-estar da criança. Mais adiante, mesmo conseguindo a proeza de resgatar nada menos que 29 de 30 cavalos, o menino nada recebeu além de acusações sem provas e uma série de golpes. Posteriormente, o senhor do chimarrão ainda ordena que o jovem vá novamente atrás do animal fujão. Pois bem, embora houvesse um esforço sobre-humano por parte de “Negrinho”, a tarefa não foi cumprida e o castigo veio ainda pior. Castigo esse que foi capaz de atrair um público inter-racial que, como era de se esperar, demonstra piedade pelo jovem, sem, entretanto, defendê-lo. Para ilustrar essa cena, Mauricio de Sousa, retrata os personagens negros descalços e malvestidos. Vale observar também a presença de uma mulher negra, provavelmente mãe da criança que carrega, cuja vestimenta se assemelha à das responsáveis pelo serviço doméstico, dando a entender que esta prestava serviços na casa grande.

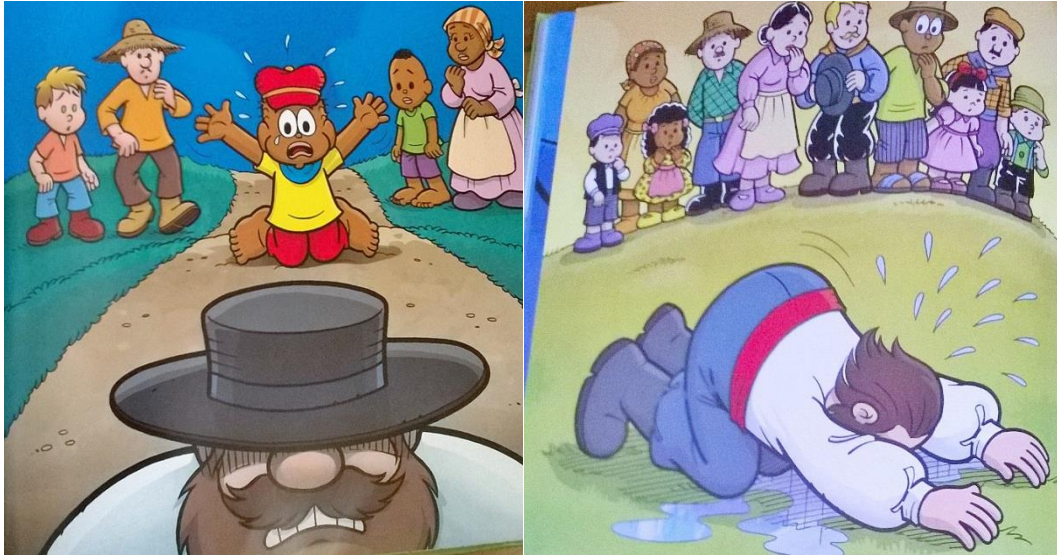


Imagem 1: clara distinção entre as vestimentas dos personagens negros e brancos. (p. 129 e 132).

Assim, é possível afirmar que:

De um modo geral, o negro é representado nas ilustrações e descrito como pobre. Porém, a representação do pobre corresponde à do miserável, uma vez que é descrito e ilustrado como esfarrapado, morador de casebres, pedinte ou marginal. (SILVA, 2005, p. 29).

Depois de outra sessão de pancadas sucedida por uma noite no formigueiro, não fica difícil imaginar o destino do jovem montador: a morte. Neste ponto a história atinge o ápice emocional, convidando os leitores a refletir sobre até que ponto vai a crueldade humana. Tal apelo não é incomum em histórias que incluem negros:

As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso. (LIMA, 2005, p. 103).

A narrativa assinala, pesarosamente, que foi necessária intervenção divina para que o patrão se arrependesse e se desculpasse por sua conduta vergonhosa. Valendo-se de uma estética religiosa, o cartunista retrata a aparição de uma santa, bem como a de todos os cavalos que outrora estavam desaparecidos. Como um ser celestial, “Negrinho” monta no cavalo mais valioso e segue para o céu sem dizer uma palavra sequer, deixando o antagonista aos prantos com a dúvida de que se foi perdoado ao não. De escravo à entidade celestial, as páginas seguintes mostram

como o sofrimento do protagonista deu origem a uma entidade religiosa que dizem ser capaz de nos ajudar a encontrar o que está desaparecido.

Na última página, quando a inclusão de Negrinho no plano superior já fora confirmada devida a auréola que este passa a utilizar, vê-se a imagem de uma família branca, de olhos claros, encontrando um brinquedo que por um momento não se soube o paradeiro. A estética do ambiente e o rumo da história indicam que o acontecimento se deu num tempo contemporâneo, e numa família abastada financeiramente, levando-nos a questionar o porquê de não retratarem pessoas negras recebendo o amparo divino, ao invés de simplesmente solicitá-lo como na página 134, já que os caucasianos, segundo o censo de 2010 do IBGE, constituem a minoria no país. Verifica-se então, por meio dos elementos visuais, que os negros foram associados à enfermidades e sofrimento, enquanto que os brancos retratam alegria e satisfação.

Acredita-se que Mauricio de Sousa não tenha se dado ao trabalho de produzir conteúdo racista e preconceituoso. No entanto, alguns de seus traços podem ilustrar os estereótipos e a discriminação que tanto se busca combater. Desta forma, fica nítida a importância da análise prévia de uma literatura destinada à criança que ainda não compreende a complexidade que as relações étnico-raciais assumem em nosso país.

Representações do Negro na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira

Para discorrer sobre a inclusão de personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira é preciso refletir sobre um processo histórico marcado pelo racismo e desvalorização da cultura africana. Ao passo que a estética europeia foi (e ainda é) largamente valorizada, aquilo que não ressaltava o mito da superioridade do homem branco não recebia atenção. Essa concepção, segundo França (2006), perdurou durante o século XX e pode ser facilmente encontrada em exemplares de nossos escritores.

Ao contribuir com diversos estereótipos depreciativos em relação ao negro, Monteiro Lobato representou a posição ideológica de muitos no período em que viveu. Ainda de acordo com França (2006), por meio de contos como *Bocatorta* e *O Jardineiro Timóteo*, é possível verificar que o escritor paulista responsabilizava a miscigenação pelo atraso social da nação. Tais obras têm gerado discussões sobre a

aparente necessidade de editar determinados trechos ou mesmo não oferecer às crianças escritos legítimos do autor, devido à grande carga de estereótipos.

Nessa perspectiva, acredito ser indispensável uma análise das formulações ideológicas de Lobato, uma vez que, como já foi salientado neste trabalho a partir das reflexões de Bastide (1972), a literatura não pode ser vista como uma simples representação da vida social e tampouco a reprodução de estereótipos do negro tomada como mera “imposição coletiva”, mas fruto das concepções ideológicas do produtor. Esta objeção explica a existência de obras que mesmo tendo sido escritas num período de intensa difusão de estereótipos negativos do negro, distanciam-se destas construções. (FRANÇA, 2006, p. 64).

Entre os anos 1920 e 1945, o país avançou cultural e tecnologicamente. Na literatura, que estava dialogando com as tendências europeias, é possível encontrar resquícios dos interesses do Estado que tentava impulsionar a modernização a favor do progresso. Essa interferência, segundo Coelho (2000), também se dá na esfera pedagógica, já que os livros destinados aos jovens sempre possuíam uma mensagem a ser ensinada. É perceptível que o interesse pela modernização da sociedade objetivava transformá-la numa Europa sul-americana, sem espaço para os não-brancos mesmo nas histórias infantis.

Num momento sócio histórico em que políticos e intelectuais almejavam um país moderno aos moldes da “civilização” europeia, todos os meios possíveis foram utilizados para divulgar a imagem de grandeza do País no intuito de colocá-lo nos rumos do desenvolvimento. Nesse sentido, tudo o que não estivesse dentro do padrão exigido teria de ser simplesmente apagado. No caso da população negra, passar uma borracha no passado vergonhoso significou “eliminar” não só um fato histórico, mas todo um povo e sua influência na nossa conformação nacional. (FRANÇA, 2006, p. 41).

Após a Segunda Guerra Mundial, a relação entre o Brasil e os Estados Unidos se estreitou. Na literatura, o modelo educativo do nacionalismo permaneceu em alta e o negro continuou estigmatizado. Para Coelho (2000) e Gouvêa (2005), tratava-se do “mito da democracia racial”: personagens negros eram atrelados aos espaços rurais e à pobreza, desempenhando funções de auxiliares domésticos e de serviços predominantemente braçais, carregando, desta forma, o estigma de uma ordem social ultrapassada e preconceituosa, que tentava se aproximar da sociedade europeia à medida em que desprezava todos os valores não relativos ao homem branco.

O negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatavam o período escravocrata, como na obra: Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, de 1906, em que os autores

descrevem com ternura a figura submissa de Mãe Maria. Essa ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procuravam-se eliminar os antigos hábitos urbanos, assim como afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como focos de agitação e resistência à nova ordem social. (GOUVÊA, 2005, p. 83 e 84).

Com relação aos livros, houve bastante uso dos estereótipos de *negros fieis e supersticiosos*, acentuando a exclusão, pois o primeiro termo “funciona como uma estratégia de apaziguamento de conflitos raciais [...], e o segundo apresenta o negro como atrasado, portanto, justifica a sua marginalização” (FRANÇA, 2006, p. 99).

Houve entre 1960 e 1970 o *boom* econômico brasileiro. Porém, os resultados deste avanço são questionáveis já que a elite dominante fora a única beneficiada. Tais transformações contribuíram para uma maior produção de livros infanto-juvenis, tanto que em 1972, a Editora Ática iniciou a produção da famosa *Coleção Vaga Lume*.

Nesse sentido, é possível afirmar que, mesmo mascarada e elitizada, foi do influxo dessa modernização que ocorreu um representativo fortalecimento do campo literário da literatura infantil nacional. A partir das décadas de 60/70, são criadas no Brasil uma série de instituições ligadas à promoção da leitura e da literatura infantil, entre estas destaque: a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos da Literatura Infantil e Juvenil (1973), a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979), além de algumas associações de professores de língua e literatura. (FRANÇA, 2006, p. 41).

O enredo das publicações, segundo Coelho (2000), tendia a abordar problemas reais dos leitores, como a situação social do país, a miséria, a marginalidade, conflitos familiares, a poluição da natureza e o preconceito racial. É válido afirmar que estas propostas estéticas inovadoras, bastante comuns na contemporaneidade, contribuíram para uma melhor representação do negro na literatura infanto-juvenil, embora haja outro fator que também mereça ser mencionado: a valorização da negritude.

Cumprе salientar que o significado do termo “negritude” aqui está posto em sentido lato – com n minúsculo – como “a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra”. Nesse entendimento, negritude aponta para os diversos movimentos literários que, desde o início do século XX, engajaram-se no despertar da consciência de ser negro e na reversão dos valores negativos associados aos negros pelo discurso colonialista, incluindo o Renascimento Negro nos Estados Unidos, o movimento indigenista no Haiti, o negrismo cubano, e culminando no movimento mundialmente reconhecido como Negritude – com n maiúsculo –, que se refere àquele surgido por volta de 1934, em Paris. (PEREIRA, 2013, p.1).

Embora ainda haja muito há progredir na luta por uma sociedade não opressora, avanços vêm sendo constatados à medida em que o combate político se intensifica. Hoje, é possível perceber a militância a favor da igualdade presente da literatura infantil, como em *Menina Bonita do Laço de Fita* (1996), de Ana Maria Machado e *Nó na Garganta* (1980) de Mirna Pinsky, por exemplo.

Esta pesquisa procura assumir uma postura favorável à igualdade racial ao denunciar uma literatura que, ao menos graficamente, privilegia determinada etnia. No entanto, compreende-se que identificar estereótipos não é suficiente para cessá-los, e que:

Somente uma mudança no tipo de relação estabelecida entre a emissão e recepção poderá alterar características intrínsecas da produção cultural para as crianças. Tal mudança será decorrência de uma nova ótica que incorpore o ponto de vista da população negra aos estudos voltados para essa produção. E, mais ainda, advirá de ações efetivas para o combate ao preconceito. (NEGRÃO, 2013, p.64).

B) A Carência Representativa da Cultura Indígena No Conto Uirapuru

É sabido que abordar a cultura indígena numa proposta de literatura é uma empreitada bastante complexa, seja pela multiplicidade de detalhes ou pela ausência de bases confiáveis para se guiar. Prova disto é o brasileiro, em geral, não possuir grande conhecimento sobre histórias de índios, principalmente se as compararmos à fama dos contos clássicos de Perrault ou dos Irmãos Grimm. Mesmo entre os mais estudados, que outro livro além de *Iracema* pertence à sabedoria coletiva quando o enfoque repouse sobre a temática indígena?

Assim como acontece com *O Negrinho do Pastoreio*, é interessante perceber como na narrativa *Uirapuru*, Mauricio de Souza contribui em certos pontos para uma interpretação que definitivamente não valoriza os índios em sua completude.

A capa da página que introduz a lenda merece destaque positivo pela qualidade estética que consegue expressar parte da diversidade amazônica através dos diferentes tons de verde aplicado na flora, além da quantidade de detalhes nas roupas dos índios. Este conjunto de características gráficas permite aferir uma série de significados apenas a partir da observação das imagens, como a desconfiança do índio mais velho e a sintonia entre a índia e o pássaro alaranjado. Desta forma, compreende-se com mais facilidade as palavras de Souza (1998) quando a pesquisadora afirma que:

Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem. A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma "imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer". A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens (Davidson, 1984). É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal. A não co-relação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida. Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem. (SOUZA, 1998, p.3).

A sequência, no entanto, gera curiosidade ao apresentar o excerto "*existia uma tribo de índios valentes e que um dos guerreiros era apaixonado pela filha do cacique*". Isto porque a cultura indígena está distribuída em várias tribos, daí a necessidade da especificação. O fato do autor não citar logo de início a qual tribo se refere pode contribuir para o conceito de *índio genérico* apresentado por Freire (2009), que representa a ignorância do homem branco com relação aos diversos grupos de costumes diferentes que coexistem em nosso país.

A primeira idéia que a maioria dos brasileiros tem sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua. Ora, essa é uma idéia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supra-étnica. O Tukano, o Desana, o Munduruku, o Waimiri-Atroari deixa de ser Tukano, Desana, Munduruku e Waimiri-Atroari para se transformar no "índio", isto é, no "índio genérico". [...]. Hoje vivem no Brasil mais de 200 etnias, falando 188 línguas diferentes. Cada povo tem sua língua, sua religião, sua arte, sua ciência, sua dinâmica histórica própria, que são diferentes de um povo para outro. (FREIRE, 2009, p.4).

Mais adiante, é possível compreender que a história provavelmente aborda a tribo tupi-guarani, devido à referência que o cacique faz ao deus do trovão Tupã. Analisando às ilustrações, percebe-se a presença de um sutil machismo ao refletir-se sobre o cunho das ações expostas: os homens estão lutando entre si, além de um deles apresentar-se com uma lança, induzindo o leitor a pensar que este que estava praticando atividades de caça, enquanto que as mulheres estão ocupadas cuidando das crianças e admirando o comportamento selvagem dos índios. O trecho seguinte, "*Ele era um rapaz forte e inteligente. E a moça bonita e delicada*" possui adjetivos que reforçam estereótipos acerca dos gêneros, haja vista a relação que costuma ser feita em nossa sociedade, que diz que o gênero masculino é exclusivamente pertencente ao homem biológico bem como o gênero feminino, à mulher biológica.



Imagem 2: O embate físico dos índios masculinos é apreciado pela jovem índia, que não é a única mulher ilustrada: a mais velha está cuidando de uma criança. Em nenhuma bibliografia sobre diversas tribos indígenas foi encontrado que as ações do contexto acima são realmente verossímeis. (p.154 e 155).

Na continuação da lenda a criança leitora é capaz de perceber como a mulher não tem voz ativa dentro da tribo, uma vez que o casamento da filha do cacique depende unicamente do mesmo. Santos (2012) diz que “Nas sociedades indígenas não é diferente. Os marcadores de gênero são ditados pelo costume” (p. 97). Quando o casal apaixonado é descoberto pelo chefe do grupo, há uma expressiva rejeição ao romance, estando tal ocorrência indo contra aos princípios de uma cultura que, segundo Alves (2012) “não permite que sejam feitas críticas aos outros” (p. 366). Talvez o repúdio do cacique se dê devido ao desrespeito que o escolhido pela protagonista demonstrou em não cumprir todas as etapas que o grupo abordado exige para a oficialização do matrimônio, demonstrando mais uma inadequação da obra para com a civilização abordada, se é que o índio em questão pertence de fato à tribo tupi-guarani.

A sua vida é orientada por várias crenças: religiosas e culturais, que marcam a sua existência desde a infância até a velhice. Nos aspectos que se referem à sexualidade, casamento, gestação e nascimento dos filhos, intervalo entre gestações, aborto, esterilidade, planejamento familiar e menopausa, estas crenças na maior parte das vezes são orientadas pelos aspectos religiosos do seu grupo e precisam ser respeitadas para haja a preservação e continuidade da identidade coletiva. A cultura do povo guarani, não pode ser compreendida sem a religião, esta é um elemento fundamental para esta etnia, por ser o eixo norteador da relação deste povo com a vida. (ALVES, 2011, p. 364).

Atendendo a um pedido do cacique, o índio é transformado em ave por Tupã, enquanto que a índia permanece na forma humana. Porém, a incompatibilidade biológica não foi suficiente para apagar o sentimento entre os protagonistas, já que

ambos continuaram a se encontrar, e agora, embalados pelo canto gracioso do pássaro recém-criado.

O cacique condena a atitude da própria filha e determina que os melhores caçadores da tribo se livrem definitivamente do pássaro desprezado. O autor então apresenta o seguinte trecho a partir da voz da índia: *“Não vou fugir! Ficar longe de você é pior que a morte!”*. As exclamações presentes na frase revelam um eu lírico totalmente apaixonado e devoto ao índio transformado em pássaro. Tal ocorrência demonstra a importância do amor na configuração desta sociedade, cujas ações, assim como as nossas, são determinadas pelo sentimento:

As concepções sobre o amor são de extrema importância para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos. Especialmente nas sociedades ocidentais o amor tem sido entendido como basilar na interação social, sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas. (NEVES, 2007, p.1).

A índia ainda acrescenta: *“Mas se seu souber que você está vivo, minha tristeza será menor, porque, em algum lugar, você continuará cantando o nosso amor!”*. Toda esta estima à outra pessoa faz o leitor refletir sobre a força do afeto verdadeiro e sobre o quanto um é capaz de ceder para a felicidade do outro. A história é por fim encerrada a partir do voo do pássaro à região Amazônica. Suas características físicas são descritas bem como sua habilidade de tocar o coração de todas as espécies a partir de seu canto. O nome da ave é finalmente: Uirapuru.

A partir do desfecho da narrativa é possível confirmar o que foi dito anteriormente: a boa intenção do autor em salvaguardar o gênero lendas e abordar a cultura indígena. Todavia, é necessário pontuar que o trabalho artístico com os índios deve estar embasado em fontes verídicas, pois, do contrário, corre-se o risco de sinalar alguns desacertos que em nada representam a riqueza da cultura.

Para trabalhar com a sociedade indígena é necessário um conhecimento prévio a respeito de sua cultura, evitando assim conclusões precipitadas e desenvolvimento de ações equivocadas e incompatíveis com a realidade da cultura em questão. (ROZIN, 2009, p. 14).

Representações do Índio na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira

Considerando a vasta presença de índios que existe no Brasil, é possível observar com certa frequência a preocupação da esfera pedagógica em estar elaborando projetos que chamem a atenção para a civilização indígena e para suas

peculiaridades. Este enfoque demasiado no caráter exótico do índio muitas vezes é responsável pela construção de um pensamento que o encara como um ser humano diferenciado, não instruído, que mais se assemelha aos animais.

Segundo Ampudia (2015) há maneiras mais eficazes de se abordar a cultura indígena: ao invés de enfeitar a cabeça das crianças com penas de papel e pintá-las com tinta guache, propõe-se mostrar aos alunos que os índios não vivem mais como em 1500. Atualmente, muitos têm acesso à tecnologia, à universidade, e aos benefícios da cidade, e ainda sim permanecem índios. Ao invés de produzir maquetes com ocas e vestir os jovens com cocares, propõe-se uma discussão mediada por fotos, vídeos e uma vasta literatura que contribua com a percepção de que no Brasil existem mais de 200 povos indígenas com características próprias.

Aliás, a palavra *Oca* é de origem Tupi, e não pertence ao vocabulário dos demais povos. Cada povo possui sua própria forma de organização habitacional que varia de acordo com a cultura. Os alunos devem entender que o ser índio não pode reduzir-se a um grupo específico que compartilha os mesmos atributos.

De acordo o censo de 2010 do IBGE, a maior parte dos índios que coexistem em território nacional são representados por nada menos que 15 etnias, sendo: Tikúna (45.045), Guarani Kaiowá (43.401), Kaingang (37.470), Makuxi (28912), Terena (28.845), Tenetehara (24.428), Yanomámi (21.982), Potiguara (20.554), Xavante (19.259), Pataxó (13.588), Saterá-Mawé (13.310), Mundurukú (13.103), Múra (12.479), Xucuru (12.471) e Baré (11.990)

É justificável enxergar a grande quantidade de estereótipos que circulam ao redor dos índios como fator que evidencia as relações de poder que marcam a atual sociedade. Segundo Bonin (2007), investigar essas relações é a maneira de descobrir o motivo de uns serem “iguais” e outros “diferentes”. No caso dos índios, as diferenças não residem apenas no físico, há um modo de viver particular. Tal ocorrência os distanciam da sociedade tida como “civilizada”, onde são muitas vezes menosprezados. Dessa forma, reconhece-se a importância de desconstruir esse binarismo opressor que infelizmente já está largamente enraizado.

Narrados por estereótipos, os povos indígenas adquirem, na maioria das produções escolares, feições genéricas, fixas, homogêneas, sendo esse um efeito de relações de poder. Nesse sentido, é importante indagar sobre as representações que circulam mais amplamente e que constituem nossas maneiras de entender as culturas indígenas. Embora bastante desconstruída no espaço acadêmico, a narrativa genérica de “índios nus, vivendo na

floresta, habitando ocas, adorando o sol e a lua” marca ainda muitos discursos cotidianos, midiáticos, didáticos. (BONIN, 2007, p.2).

Para Bonin (2007), um dos responsáveis pelo entendimento deturpado acerca dos índios e sua cultura é o conceito de multiculturalismo. Vítima de diversas críticas, a corrente costuma acentuar o que há de mais pitoresco em determinada cultura sem observar o contexto ao qual o fenômeno se situa. O capitalismo neoliberal também possui sua parcela de culpa, ao passo que “acolhe e exalta o exótico, no espetáculo contemporâneo da cultura do consumo, e, ao mesmo tempo, investe maciçamente na incorporação das diferenças”. (BONIN, 2007, p.2).

Algo interessante de verificar nas produções literárias que incluem personagens indígenas são as diferenças presentes no enredo quando o autor pertence à comunidade abordada. O contexto é ricamente detalhado a partir de uma perspectiva de quem a vivenciou. Isto não quer dizer que os escritos oriundos de autores “estrangeiros” não conseguem atingir o mesmo nível de qualidade, mas sim que não se aproximam da vida indígena com a mesma exatidão. Evidência disso é que os autores indígenas costumam situar os personagens índios dentro de uma tribo específica, o que não acontece na releitura *Uirapuru* de Maurício de Sousa.

Afirmar “sou índio” faz sentido em contextos de enfrentamento e de luta, ou em momentos em que se busca imprimir determinados significados ao termo, nas lutas pela representação. No entanto em discursos indígenas o que se observa como recorrência são afirmações do tipo “sou kaingang”, “sou guarani”, “sou kambeba”, “sou xukuru”, “sou truká”. E essa parece ser uma característica importante presente nas obras de autoria indígena. (BONIN, 2007, p.8).

O que também é comum predominar nas histórias de autores não índios é o tempo pretérito. Na obra analisada de Maurício de Sousa, o autor inicia a narrativa com “Os nativos da floresta amazônica *contam* que, no Sul do Brasil, *existia* uma tribo de índios valentes...” essa circunstância, muito comum em materiais didáticos e históricos, contribui com a interpretação dos índios como seres arcaicos e que não existem mais. Pensando na mobilização política de vários grupos indígenas que reivindicam seus direitos atualmente, é fácil compreender a nocividade de encarar os índios meramente como indivíduos do passado.

Considerando a criança leitora como indivíduo em formação, é interessante fornecer-lhe opções que estimulem o pensamento crítico e a consciência social. Literaturas que refletem tradições culturais diversas podem ser interessantes ao passo que introduzem novos valores e ideologias. Nesse sentido, de acordo com Thiél

(2013), textos indígenas podem ampliar o repertório de crianças e adolescentes, bem como desfazer pré-conceitos e incitar a reflexão.

Com este intuito, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) elaborou um catálogo composto de vários livros infanto-juvenis que possuem personagens indígenas como protagonistas. Disponível desde 2003, a lista reúne nomes de prestígio da literatura destinada aos pequenos, como Rubens Matuk, Ana Maria Machado, Moacyr Scliar, Daniel Munduruku, e muitos outros.²

É relevante mencionar que a literatura, considerando a definição proposta por Coelho (2000, p. 27), “arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” é de grande importância para a tradição indígena. Thiél (2013) explica que nos contextos de diversas tribos geralmente há a presença do contador de histórias que reúne os demais membros num círculo e inicia a exposição oral.

A nossa sociedade dita civilizada também se caracteriza pela visão eurocêntrica que prega que os índios são os que devem ser incluídos, que eles são os “diferentes”. Segundo Bonin e Ripoll (2011), produções do cinema, da literatura e do teatro vem influenciando esse pensamento, embora não se trate de um fenômeno recente.

E, com relação aos índios, muitos estereótipos foram construídos pelo colonizador europeu ao longo dos séculos de dominação. As inúmeras comunidades indígenas, apesar de distintas, tiveram sua identidade étnica construída por discursos homogeneizantes que ficcionalizaram os nativos ora como bárbaros, selvagens, primitivos, carentes de lei, fé e rei, ora como bons selvagens, inocentes, desprovidos de ganância. Ademais, as culturas indígenas foram vistas como ágrafas, por não se expressarem utilizando alfabeto reconhecido ou escrita valorizada pelo colonizador. Pelo fato de não compartilharem um mesmo centro de percepção do mundo, os índios foram classificados como bárbaros, especialmente porque os colonizadores consideravam-se portadores de uma civilização, da qual os índios se encontravam despojados. (THIÉL, 2003, p. 11).

Assim, é evidente a urgência em desconstruir a infinidade de estereótipos que rodeiam a cultura indígena, e a escola pode contribuir com este processo ao proporcionar oficinas de leitura, escuta e discussão de textualidades pertencentes à etnia. Desde a época das colonizações até os tempos modernos, percebeu-se que visões de mundo restritas foram capazes de reprimir e isolar culturas que têm muito a

² Mais informações sobre os autores e as histórias estão disponíveis para download, no site <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Livros/O-indio-na-literatura-infanto-juvenil-no-Brasil/O_indio_na_literatura_infanto-juvenil_no_Brasil.pdf>, acessado em dezembro de 2015.

nos acrescentar, portanto, faz-se necessário o entendimento de que todos somos, primeiramente, humanos, e todos almejamos um bem comum: a paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar a maneira como os personagens negros e índios são expostos nas lendas *Negrinho do Pastoreio* e *Uirapuru*, recontadas por Maurício de Sousa. Após a observação atenta do referencial teórico, é possível afirmar que ambas as culturas não foram valorizadas em sua totalidade, devido à presença de estereótipos que ajudam a construir uma imagem equivocada durante o momento de leitura.

Percebe-se que a primeira história, segundo especialistas da área, em nada inova com as tradicionais características dos personagens negros quando estes são retratados na literatura e em outras expressões artísticas: pobres, sofredores, e responsáveis por executar trabalhos que demandam maior esforço físico (LIMA, 2005; SILVA, 2005), assim como os escravos faziam. Embora atualmente hajam escritores que procuram romper com este passado de grandes desigualdades, a obra de Maurício de Sousa apresenta elementos passíveis de serem questionados, como as vestimentas dos personagens negros em comparação a dos brancos.

No que diz respeito aos índios, os desacertos se manifestam a partir da não definição que o cartunista faz da tribo apresentada na lenda *Uirapuru*, ao introduzi-los apenas como “uma tribo de índios valentes”, além do cunho machista das ilustrações expostas, em que os homens estão lutando entre si (e sendo apreciados por uma personagem feminina) e a mulher de mais idade está cuidando da criança pequena. Tais ações tidas como comuns em nossa sociedade “civilizada”, não foram encontradas na literatura de especialistas com relação aos costumes de várias tribos, o que pode corroborar com Freire (2011) quando o autor apresenta o conceito “índio genérico”, isto é, a ignorância do homem branco com relação aos costumes indígenas.

Apesar das inadequações referentes à determinadas especificidades das culturas, Maurício de Sousa merece crédito por compilar em um volume de grande qualidade estética lendas brasileiras que infelizmente não são mais tão conhecidas (além dos textos analisados neste trabalho, o livro conta com “*Cabra Cabriola*”, “*Cobra Honorato*”, “*Vitória-Régia*” e muito mais). É válido ressaltar que a interpretação da junção texto-imagem é desenhada pelas formações sociais dos sujeitos leitores, que podem, ou não, ter tido experiências prévias com as etnias abordadas. Desta forma,

as observações feitas nesta pesquisa podem não ser enxergues por outros leitores num primeiro momento de apreciação.

A interpretação do texto não-verbal se efetiva, então, por esse efeito de sentidos que se institui entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte, a partir das formações sociais em que se inscreve tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador. O conjunto de elementos visuais possíveis de recorte - entendidos como operadores discursivos - favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não-verbal. A apreensão dessas relações, por sua vez, revela o discurso que se instaura pelas imagens, independente da sua relação com qualquer palavra. (SOUZA, 1998, p. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Luiz Alberto Sousa. *Ser Índia E Mulher, Vivendo Na Terra Má: Uma Reflexão Sobre A Questão De Gênero Indígena*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

AMPUDIA, Ricardo. *O que (não) fazer no Dia do Índio*. Revista Nova Escola. Disponível em <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/nao-fazer-dia-indio-cultura-indigena-624334.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. *Índios e Natureza na Literatura para Crianças*. Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 1, p. 19-29, 2012.

BONIN, Iara Tatiana. *Narrativas Sobre Povos Indígenas na Literatura Infantil e Infanto-Juvenil*. In: No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebra-las. 16º Congresso de Leitura do Brasil. UNICAMP-Campinas, SP. 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, v. 2, n. 3, p. 1 -13, 2008.

DEDOC - FUNAI. *O Índio na Literatura Infanto-Juvenil do Brasil*. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2003.

FRANÇA, Luiz Fernando. *Personagens negras na literatura infantil brasileira da manutenção à desconstrução do estereótipo*. Dissertação (Mestrado). UFMT. Cuiabá, 2006.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Cinco Ideias Equivocadas Sobre os Índios*. IN: Educação, cultura e relações interétnicas/Ahyas Siss. Aloisio Jorge de Jesus Monteiro (orgs.) (2009).

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira*. Educação e pesquisa, v. 31. Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>
Acesso em 24 de julho de 2015.

LIMA, Heloise Pires. *Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil*." Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD (2005).

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. *Preconceitos e Discriminações Raciais em Livros Didáticos e Infanto-Juvenis*. Cadernos de pesquisa, n. 65. Universidade de São Paulo, 2013.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. *As Mulheres e os Discursos Genderizados sobre o Amor: A Caminho do "Amor Confluyente" ou o Retorno ao Mito do Amor Romântico?* Revista Estudos Feministas, v. 15, 2007.

PEREIRA, Doutorando Rodrigo da Rosa. *Da Negritude à Literatura Afro-Brasileira: um Olhar Histórico-Literário*. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2013.

ROZIN, Arnei Júnior, et al. *Aspectos Culturais Da Mulher Indígena Guarani*. Universidade Estadual de Ponta de Grossa, 2009

SANTOS, Fabiane Vicente dos. *Mulheres Indígenas, Movimento Social E Feminismo Na Amazônia: Empreendendo Aproximações E Distanciamentos Necessários*. EDUCAmazônia, 2012.

SILVA, Ana Célia da. *A desconstrução da discriminação no livro didático*. Superando o racismo na escola, 2005.

SOUSA, Mauricio de. *Lendas Brasileiras*. Girassol, Mauricio de Sousa Editora. São Paulo, 2009.

SOUZA, Tania Clemente de. *Discurso e imagem: Perspectivas de Análise Não Verbal*. Ciberlegenda, n. 01, 1998.

THIÉL, Janice Cristine. *A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural*. Educação & Realidade, v. 38, 2013.